

Entre Camadas — Vol. I

Camadas Invisíveis

Onde Você Ainda
Não se Vê

Camadas Invisíveis

Volume I da coleção Entre Camadas

© Adriana Aparecida de Freitas Oliveira

Todos os direitos reservados.

Este material não pode ser reproduzido, distribuído ou utilizado, no todo ou em parte, sem autorização prévia da autora.

Este e-book é uma obra de reflexão e não substitui acompanhamento psicológico ou psiquiátrico.

As experiências descritas não configuram orientação clínica individual.

“O que se forma nesse início não se apresenta como história. Também não desaparece. Permanece, muitas vezes, em camadas que não se deixam ver diretamente, mas que continuam participando da forma como a experiência se organiza.”

SUMÁRIO

Antes da Forma

Espessuras

Fendas

O que permanece

Tornar visível

ANTES DA FORMA

Nem sempre percebemos quando algo começa.

Quando tentamos entender o que sentimos, isso já está em andamento há muito tempo. Não começou ali, apenas se tornou possível notar.

Existe um tempo em que a experiência ainda não se organiza como algo que possa ser pensado. Não há distância suficiente para observar, nem palavras que sustentem o que acontece, ainda assim, algo se inscreve. Não como lembrança, isso viria depois.

O que se forma nesse início não se apresenta como história, tampouco desaparece. Permanece de um modo difícil de localizar, participando da forma como a vida vai sendo vivida.

No início, não há uma separação clara entre o que vem de dentro e o que chega do mundo. A experiência não está organizada o suficiente para sustentar essa diferença. O que se sente e o que responde a esse sentir ainda não se distinguem completamente.

Quando algo encontra alívio, isso não é vivido como algo que veio de fora. Apenas acontece e, por um instante, a experiência continua.

Aos poucos, certas regularidades começam a deixar marcas, não como consciência, ainda não.

Mas como uma espécie de continuidade discreta que impede que tudo se perca a cada mudança. Algo que se mantém, mesmo quando não pode ser reconhecido, mas nem sempre isso acontece com suavidade.

Há momentos em que o que surge não encontra sustentação. O que começa não se completa e o que aparece não encontra forma suficiente para se manter.

Nesses pontos, algo ainda assim tenta se organizar, não para compreender o que aconteceu, mas para suportar o que não pôde ser sustentado.

E é aí que certas marcas começam a se formar, não apenas a partir do que foi possível viver com continuidade, mas também a partir do que precisou ser interrompido, desviado ou contido para que a experiência não se desorganizasse completamente.

Essas marcas não se apresentam como lembrança, nem por isso deixam de atuar.

Aparecem, mais tarde, na forma como algo se repete sem se anunciar como repetição. Nos modos de se aproximar, de recuar, de sustentar ou interromper vínculos, antes mesmo que isso possa ser reconhecido como escolha.

O que se organiza nesse tempo não se mostra diretamente, mas participa. E talvez seja só muito depois que algo disso comece, pouco a pouco, a se tornar visível.

Sem se explicar!

ESPESSURAS

Nem tudo o que nos constitui nasce do que foi possível receber, parte do que se forma surge justamente daquilo que não encontrou lugar.

Quando a experiência não se completa, ela não desaparece. Permanece como algo em suspenso, exigindo algum tipo de organização. O que não pôde ser vivido até o fim não se dissolve, precisa ser acomodado de outro modo.

É nesse ponto que o psiquismo começa a criar espessuras, não como excesso, mas como tentativa.

Diante do que falha, algo se reorganiza por dentro. Pequenas soluções vão sendo construídas para dar forma ao que não pôde ser integrado diretamente. Não se trata de escolhas conscientes, mas de movimentos silenciosos que procuram reduzir a intensidade do que não encontrou continência.

Algumas experiências são afastadas, outras, transformadas. Há aquelas que se tornam menos acessíveis, como se precisassem perder nitidez para poder permanecer.

Sem essas formas de organização, o impacto do que não foi sustentado poderia se tornar excessivo. A espessura, nesse sentido, funciona como proteção, mas também como estrutura.

O eu começa, então, a se formar não apenas a partir do que

encontrou continuidade, mas também do modo como cada ruptura foi manejada.

É nesse entrelaçamento que a identidade ganha consistência, mas toda espessura tem um custo.

O que é afastado não deixa de existir. O que é transformado não desaparece completamente. Essas camadas passam a compor o funcionamento psíquico de maneira menos visível, mas não menos ativa.

Com o tempo, aquilo que um dia foi solução pode se tornar limite.

Não porque esteja errado, mas porque foi construído em um momento em que outras possibilidades ainda não estavam disponíveis.

Essas espessuras não são falhas da constituição e sim, parte dela.

Foram, em algum momento, a melhor forma possível de sustentar a continuidade quando ela esteve ameaçada. E talvez seja por isso que não se desfazem com facilidade. Elas carregam a história de como o sujeito conseguiu continuar.

Se essas camadas se formam para sustentar a continuidade, elas também passam a delimitar o modo como a experiência será vivida. O que um dia protegeu começa, pouco a pouco, a organizar a forma de sentir.

Não de maneira rígida no início, mas com uma certa tendência.

Como se o psiquismo, ao encontrar um caminho possível diante do excesso, passasse a retornar a ele sempre que algo semelhante ameaça surgir.

Há uma economia nisso. Evita-se o impacto pleno da experiência, reduz-se a intensidade e mantém-se o funcionamento.

Mas, nesse movimento, algo também deixa de se expandir. Nem tudo pode ser sentido com a mesma liberdade. Certas emoções encontram barreiras antes mesmo de se formarem completamente. Algumas experiências não chegam a se constituir em sua totalidade. Outras são vividas de maneira parcial, como se precisassem ser atravessadas com cuidado para não desorganizar o que foi arduamente sustentado.

Isso não se apresenta como limitação no início, ao contrário, muitas vezes é o que permite que a vida siga com estabilidade.

Com o tempo, esse modo de funcionamento se torna familiar e aquilo que foi construído como resposta a uma situação específica começa a operar como padrão. Não porque o sujeito escolha, mas porque é ali que a experiência encontra um caminho já conhecido.

É nesse ponto que o custo começa a se tornar mais evidente. Não como sofrimento constante, mas como uma repetição silenciosa. As mesmas formas de reagir, os mesmos limites ao sentir, as mesmas dificuldades em sustentar determinadas experiências. Como se algo, por dentro, delimitasse até onde é possível ir sem

risco.

Ainda assim, essas camadas não podem ser simplesmente removidas. Elas carregam a história de como o sujeito conseguiu continuar quando não havia outras possibilidades.

Talvez o ponto não seja dissolvê-las, mas começar a reconhecê-las. Perceber que aquilo que organiza também restringe e que, muitas vezes, é nesse limite que algo da experiência deixa de se realizar plenamente.

Não como falha, mas como consequência de um modo de sustentar a própria continuidade. E, ainda assim, mesmo onde há limite, há possibilidade. Porque aquilo que um dia se tornou rígido pode, em algum momento, encontrar outras formas, desde que possa, antes, ser visto.

FENDAS

Nem tudo o que se forma em nós consegue permanecer em acordo.

À medida que as experiências se acumulam, o psiquismo deixa de operar como um campo contínuo e passa a abrigar tensões mais nítidas. O que em um momento organiza, em outro entra em choque com aquilo que também busca existir.

Não se trata apenas de ter partes diferentes, mas de não conseguir mantê-las juntas sem que algo se rompa.

Certos afetos não se sustentam ao mesmo tempo. Aproximação e afastamento, desejo e recusa, cuidado e hostilidade não se equilibram, se alternam.

Quando essa convivência se torna difícil, algo tenta preservar o funcionamento.

Algumas experiências se mantêm separadas. Outras surgem em momentos distintos, sem se reconhecerem entre si. Não por escolha, mas como forma de evitar um colapso maior.

Ainda assim, algo se perde.

A experiência deixa de se manter contínua e passa a se organizar em fragmentos. O sujeito pode se perceber reagindo de maneiras que não se articulam, sentindo coisas que não se conciliam, como se partes suas não compartilhassem o mesmo campo.

Essas fendas não são apenas divisões.

São pontos onde a experiência não encontrou forma de se integrar.

Por isso permanecem sensíveis. Qualquer aproximação pode reativar algo que ainda não se organizou.

É nesses lugares que surgem afetos difíceis de sustentar — uma irritação sem causa evidente, uma tristeza deslocada, uma inquietação que não se explica pelo presente.

O conflito não vem apenas de fora, ele se instala por dentro e exige outra forma de sustentação.

Integrar não é juntar à força. É tornar possível que aquilo que hoje se opõe possa, em algum momento, coexistir sem que o sujeito precise se dividir para existir.

Há um momento em que o conflito deixa de ser alternância e passa a se concentrar no mesmo objeto.

Aquilo que sustenta também frustra. O que se deseja pode provocar afastamento.

O vínculo deixa de ser simples.

Esse tipo de experiência exige mais do que separação. Exige sustentação.

Quando isso ainda não é possível, o psiquismo simplifica.

O objeto passa a ser vivido como inteiramente bom ou

inteiramente frustrante. Não porque tenha mudado, mas porque manter as duas dimensões juntas ainda não se sustenta.

Essa oscilação preserva o vínculo, mas empobrece a experiência.

Com o tempo, algo pode se deslocar, torna-se possível perceber que aquilo que frustra é o mesmo que sustenta. Que o que incomoda não anula o que também importa, mas esse reconhecimento não alivia, aumenta a exigência.

Porque já não é possível afastar completamente aquilo que desorganiza sem afetar o vínculo que se quer manter.

É nesse ponto que algo novo aparece.

Uma inquietação diante do que, em algum momento, se dirigiu ao outro.

Nem sempre há um acontecimento claro. Ainda assim, algo se inscreve.

O vínculo passa a carregar essa marca, e isso muda a forma de se relacionar com ele.

Não se trata mais de separar ou alternar, mas de sustentar.

Surgem movimentos de recomposição. Tentativas de manter aquilo que poderia se perder.

Não apagam o conflito, mas indicam que algo começou a se integrar.

O outro deixa de ser apenas fonte de satisfação ou frustração.

Passa a ser alguém cuja presença importa o suficiente para que sua perda — mesmo que imaginada — se torne significativa.

Isso dá densidade ao vínculo.

E também o torna mais vulnerável.

Porque reconhecer o outro implica reconhecer que ele pode ser afetado e que, de algum modo, já foi. A culpa, nesse nível, não paralisa, convoca.

Não para corrigir o passado, mas para sustentar, no presente, uma relação que já não pode ser vivida sem considerar sua complexidade.

O QUE PERMANECE

Nem tudo o que nos constitui se apresenta como lembrança.

Algumas experiências não são registradas como algo que pode ser recordado, localizado ou narrado. Ainda assim, permanecem. Não como conteúdo, mas como forma.

O que não pôde ser simbolizado não desaparece. Passa a operar de outro modo. Inscreve-se na maneira como a experiência se organiza, no ritmo com que alguém se aproxima, na forma como recua, na intensidade com que responde ao que encontra. Não se trata de algo que se lembra, trata-se de algo que se repete sem se anunciar como repetição. É nesse nível que certas marcas continuam atuando.

Não como passado que retorna de maneira evidente, mas como presença que atravessa o presente sem se oferecer como história.

Isso não significa que o sujeito esteja preso ao que foi, mas indica que nem tudo o que foi vivido se transforma em algo que pode ser pensado.

Há experiências que não se tornam representação. E, justamente por isso, permanecem mais próximas da ação do que da lembrança.

Elas aparecem nos gestos, nas escolhas quase imperceptíveis, nos modos de sustentar ou interromper vínculos. Não como decisões

conscientes, mas como tendências que se impõem sem se apresentar como tais.

É nesse ponto que o passado deixa de ser apenas algo que aconteceu e passa a ser algo que continua operando. Não como repetição literal, mas como forma de organização da experiência.

Mas há momentos em que isso se torna mais perceptível. Situações que parecem maiores do que o presente poderia justificar, reações que não se explicam inteiramente pelo que está acontecendo, intensidades que ultrapassam o contexto imediato. Não como excesso isolado, mas como ressonância.

Algo que não se apresenta diretamente encontra, no presente, uma forma de se atualizar.

Essa presença não pode ser localizada com precisão, mas também não pode ser ignorada.

Porque é justamente nesse nível, onde a experiência não se oferece como lembrança, mas como forma, que parte significativa da vida psíquica se organiza.

Transformar, nesse contexto, não é apagar, é possibilitar que aquilo que hoje opera sem forma possa, em algum momento, encontrar algum grau de simbolização.

E, mesmo quando isso acontece, o que foi não desaparece, se desloca e continua presente, mas já não da mesma maneira.

Talvez seja isso que sustente a continuidade ao longo do tempo.

Não uma linha limpa, mas uma experiência em que diferentes tempos permanecem ativos, ainda que sob outras configurações.

O que permanece não impede o movimento, mas impede que ele aconteça sem história.

TORNAR VISÍVEL

Há um momento em que aquilo que sempre operou de forma silenciosa começa, pouco a pouco, a se tornar perceptível.

Não de uma vez e nem de forma completa, mas como um deslocamento na maneira de experimentar a si mesmo.

O que antes parecia apenas “jeito de ser” começa a adquirir contorno. Certas reações deixam de ser vividas como evidentes e passam a produzir um leve estranhamento. Como se algo, ainda impreciso, começasse a se destacar do fundo da experiência.

O sujeito não se torna outro mas deixa, por instantes, de coincidir completamente com aquilo que vive.

Surge um intervalo suficiente para que algo possa ser percebido, ainda sem clareza, ainda sem nome.

Esse intervalo não organiza de imediato, muitas vezes, desorganiza.

O que antes funcionava sem ser questionado passa a se mostrar parcial. Aquilo que sustentava revela também seus limites.

E isso não se apresenta como solução, é outro tipo de contato, algo que permite ver, mas não indica o que fazer com o que foi visto.

Nesse processo, certas camadas começam a se mostrar.

Não como lembranças precisas, mas como modos de funcionamento que se repetem, como tendências que se reconhecem ao longo do tempo, como formas de responder que deixam de parecer inevitáveis.

O que antes era vivido como natural começa a se mostrar como construção e isso abre um campo.

Não o de escolher livremente a cada instante, mas o de, pouco a pouco, estabelecer outra relação com aquilo que se repete.

Essa relação não se faz por controle, nem por decisão imediata, ela se constrói na medida em que o sujeito pode sustentar o contato com o que aparece, sem precisar afastar rapidamente, sem retornar automaticamente ao modo anterior.

É um trabalho lento e incerto. Porque ver não transforma, mas altera a posição de quem vê. E, às vezes, é isso que permite que algo, antes apenas repetido, comece a se deslocar.

Não como ruptura, mas como possibilidade de incluir, na experiência de si, aquilo que durante muito tempo precisou permanecer fora de vista.

ENCERRAMENTO

Talvez não seja possível reconhecer, de imediato, tudo aquilo que participa da forma como cada experiência se organiza.

Nem tudo se deixa ver no momento em que acontece.

Algumas coisas só começam a se mostrar quando já estão em funcionamento há muito tempo. Outras seguem atuando sem nunca se tornarem completamente claras.

Isso não impede que estejam ali.

Em certos momentos, algo chama mais atenção. Um incômodo que não se explica com facilidade, uma reação que parece desproporcional, um modo de se aproximar ou de se afastar que se repete sem que se saiba exatamente por quê.

Nem sempre é preciso ir muito longe para perceber que há mais acontecendo do que aquilo que pode ser nomeado.

Às vezes, basta sustentar um pouco mais o contato com o que aparece.

Sem tentar organizar rápido demais.

Sem precisar concluir.

Porque nem tudo o que começa a se tornar visível pede uma resposta imediata.

Algumas coisas pedem apenas tempo suficiente para continuar sendo vistas.

Notas sobre o percurso

As ideias que atravessam este livro não surgem de um único ponto. Elas se apoiam em um campo clínico construído ao longo do tempo, onde diferentes autores buscaram compreender como a experiência emocional se forma, se organiza e se transforma.

A noção de que a vida psíquica começa antes da linguagem encontra ressonância nas formulações de Sigmund Freud, especialmente na compreensão de que nem tudo o que nos constitui pode ser diretamente acessado pela consciência.

O desenvolvimento inicial das relações e a importância das primeiras experiências emocionais foram amplamente aprofundados por Melanie Klein, ao descrever como o psiquismo se organiza a partir de vínculos primários marcados por tensão, dependência e tentativa de integração.

A ideia de que experiências precisam ser “transformadas” para se tornarem pensáveis se aproxima das contribuições de Wilfred Bion, especialmente no que diz respeito à função de continência e à possibilidade de dar forma ao que, inicialmente, se apresenta como intensidade sem representação.

Este livro não busca explicar essas teorias, nem traduzi-las de forma direta. Elas permanecem aqui como sustentação silenciosa, um campo de pensamento que atravessa a escrita sem se apresentar como ensino.